

A INVESTIGAÇÃO COMO ELEMENTO ESTRUTURANTE DOS ESQUEMAS DE PROGRAMAÇÃO ARQUIVÍSTICA

*Pedro de Abreu Peixoto**

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Quinta de Prados

5000-911 VILA REAL

PORTUGAL

Tel: 259350780

E-MAIL: ppeixoto@utad.pt

RESUMO

Ao desenvolver os esquemas de programação arquivística, as instituições devem equacionar, para lá das fases metodológicas do tratamento documental, a prática da investigação como uma actividade regular em contexto de trabalho.

Seja pela equação de um novo paradigma, baseado na Ciência da Informação, seja pela abordagem do modelo de *learning by sharing*, seja pela união das duas propostas, torna-se fundamental a recentragem da investigação no contexto da profissão.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria arquivística/investigação em arquivo/formação profissional

INTRODUÇÃO

Desejaríamos começar citando STIELOW, quando afirma que «...as teorias mais importantes são com frequência as mais óbvias». [1]

Esta questão assume particular importância no contexto da arquivística, em que o óbvio das teorias, leva por vezes ao desprimor da sua importância e alcance.

É uma das razões pela qual a equação da arquivística, enquanto disciplina ou ciência tem marcado, indelevelmente, o discurso e prática disciplinar nesta área do conhecimento.

Disciplina ou ciência, não passa de uma questão de argumentação entre duas correntes de opinião [2] que, em boa verdade, não se anulam. Também não se complementam, já que ao analisar a metodologia proposta pelos autores de ambas as correntes, ela não difere de tal forma, que se possa induzir a descolagem epistemológica.

Da arquivística como ciência, argumentam, de forma mais ou menos convicta, autores como CASANOVA, que a considera a ciência dos arquivos, [3] o clássico LEESCH, que lhe atribui a categoria de ciência por causa do seu método [4], ou o sempre citável SCHELLENBERG que a apresenta como a ciência que trata dos arquivos, «...da sua conservação, administração, classificação, ordenação,

interpretação...das colecções de documentos que nos arquivos se conservam como fonte para o conhecimento ulterior e serviço público». [5]

Mais recentemente, LODOLINI considerou a arquivística como uma ciência completa em si, com princípios universalmente válidos e uma literatura científica considerável, em diferentes línguas, [6] complementado por HEREDIA que a considera a ciência dos arquivos, não dos documentos, ainda que apresente estes últimos como produto integrante daqueles. [7]

No que concerne à arquivística como disciplina, muitos autores seguem-na, mais pela prática corrente [8], do que pela reflexão aprofundada sobre os argumentos válidos para o efeito. Registamos a opinião de BATELLI que a considera uma disciplina de carácter eminentemente prático [9] e de BAHMER que a defende enquanto disciplina intelectual. [10], numa dialéctica própria da indecisão, que sempre tem pautado esta questão.

A propósito desta questão, é elucidativa a leitura do artigo de GRAHAM [11], que, identificando e desenvolvendo uma polémica fixada na década de oitenta do Séc. XX, põe em relevo as principais questões dos defensores da arquivística como disciplina e, por outro lado, dos que defendem a arquivística como ciência.

Significativamente, a questão que se desenvolve através da opinião de autores como BURKE, ROBERTS, CAPPON ou STIELOW, centra-se no papel que a teoria deve ocupar, ou não, na actividade profissional do arquivista, como forma de desenvolver a sua actividade.

Não é estranho ao nosso conhecimento, o desenvolvimento que teve a ideia de que o arquivista não é um historiador e, como tal, não deve *filosofar* de mais, preocupando-se de menos com as suas responsabilidades primárias, ou seja tomar conta dos documentos (*keeping records*). [12]

Determinados arquivistas, chegam mesmo a defender, categoricamente, que a teoria arquivística é distractiva e

desnecessária e que em nada contribui para o avanço do trabalho arquivístico [13].

Em contraposição, arquivistas como BURKE defendem que a teoria arquivística encontra-se muito longe de ser um luxo, antes pelo contrário, consideram-na fundamental para a compreensão dos arquivos, que não existem no vácuo, mas que têm uma contextualização muito própria. [14].

A verdade é que BURKE tomou o caminho mais acertado, ao iniciar o debate, defendendo a necessidade de definir o que se entende por “teoria”, a qual, com os contributos de BEER, é definida como sendo: «o desenvolvimento de leis universais e, se tais leis são universais e imutáveis, elas devem ser aplicáveis em todas as ocasiões independentemente do tempo ou do espaço». [15]

A verdade é que o debate se desenvolve, tendo como pano de fundo as reflexões de muitos autores, como SCHELLENBERG, POSNER, o próprio BURKE e muitos outros, que consideram universos diferentes, como sejam o da arquivística europeia e o da arquivística nos Estados Unidos da América, não operando a necessária síntese das duas realidades, única forma de procurar a universalidade.

A caminhada, lado a lado, de duas realidades arquivísticas distintas, uma mais ligada a uma abordagem historicista e custodial (europeia), e outra mais ligada à gestão de documentos (norte-americana), não levou a trabalhos de referência que unificassem as opiniões, em termos da importância da teoria arquivística, no contexto do desenvolvimento prático da profissão.

A síntese não foi feita e, de certa forma, continua por fazer, o que leva a que, ainda hoje, na prática, se continuem a detectar os mesmos argumentos, com claras influências no desenvolvimento dos esquemas de programação arquivística, de instituição para instituição, só aplainados pelo esforço de uniformização – também ele carente em muitos aspectos de reflexão teórica – das instituições internacionais. [16]

Perante a enorme pressão, de planear a organização de enormes massas documentais, os arquivistas mostram-se pouco inclinados para a formulação de grandes teorias académicas, o que gera a verdadeira atitude custodial. A esta realidade, junta-se a grande pressão que o desenvolvimento da historiografia sempre teve nesta área.

Hoje, como ontem, os arquivistas são igualmente colocados perante a acumulação de enormes massas documentais, sem que uma atitude mais prática se tenha mostrado válida na resolução pragmática do problema.

Só há relativamente pouco tempo, começámos a procurar respostas para lá da prática [17], buscando novas teorias e identidades que visem as leis sociais e a natureza humana. Se, por um lado, autores há que dizem que esse não é o papel do arquivista, outros constataam que a prática arquivística estagna

relativamente ao avanço geral da sociedade da informação.

É óbvio que a melhor estratégia não é a preconizada por KOLSRUD que, de uma forma mordaz, defende que as atitudes demasiado custodiais, como as defendidas por Roberts, são completamente incompreensíveis. Na realidade, as razões de uma atitude eminentemente prática e custodial devem sempre ser tidas em conta, embora não devam conduzir a profissão.

As várias revoluções na informação e nas tecnologias da comunicação alteraram profundamente a aparência física dos documentos, mas não foram capazes de alterar a prática arquivística, que continuou a geri-los como artefactos, levando a bom termo a influência que a biblioteconomia e a museologia sempre tiveram sobre esta profissão.

Na realidade, só o advento do documento digital, provocou uma mudança verdadeiramente estrutural, que leva a colocar em causa a operacionalidade do paradigma clássico custodial e, estamos em crer, a sua inevitável substituição – pela evolução ou pelo corte? – por um novo paradigma.

O conceito de “Paradigma” é hoje de reflexão obrigatória, sendo importante referir a sua introdução por Thomas KUHN, no seu trabalho já hoje considerado um clássico, sobre a estrutura das revoluções científicas. [19].

Para este autor, um paradigma é um modelo de realização científica universalmente reconhecido, de aplicação na resolução de problemas e soluções, adoptado pela sua validade por uma comunidade de profissionais.

Aplicado a uma ciência como a arquivística, um paradigma estabelece o modelo explicativo (interpretativo) da disciplina científica, no período específico do seu desenvolvimento e define os seus fundamentos (princípios). [20]

O novo paradigma para os arquivos é baseado numa renovada atracção pelo contexto, objectivo, intenção, inter-relações, funcionalidade e responsabilidade do documento, pelo seu criador e pelo seu processo de criação, onde quer que ele ocorra. [21].

Em Portugal, deve-se uma especial atenção ao trabalho de SILVA, RIBEIRO, RAMOS e REAL, no qual a questão crucial da definição do objecto é dissecada e onde a concentração na definição do método é crucial para a compreensão global desse mesmo objecto. [22]

Ora, na generalidade dos países europeus, estamos longe de atingir um espírito post-custodial, prevalecendo junto dos arquivistas e, principalmente dos seus formadores, a consciência do papel prioritário de conservadores do documento histórico.

Para transformar esta atitude, necessária para a compreensão da sociedade e dos arquivos que cria, é fundamental o desenvolvimento da investigação científica no contexto da profissão.

A investigação torna-se mais urgente num momento em que a arquivística tende a ser contextualizada no seio da Ciência da Informação, e para a qual, como prevê BELKIN [24], deveremos desenvolver conceitos de informação, com requisitos mínimos a nível metodológico, comportamental e definicional, para compreender a utilidade dos conceitos como instrumentos explicativos dos novos fenómenos comunicacionais e dos seus contextos.

A reflexão sobre o papel da arquivística na sociedade e a sua formulação teórica e metodológica, jogam-se crucialmente no período da formação técnica. Uma formação que, principalmente no contexto europeu, é feita em meio institucional, ou melhor, como se lhe refere KETELAAR, considerada um *treino em serviço* [23].

Não cabe no âmbito desta comunicação a análise das propostas de formação, questão delicada e de análise fundamental para o futuro da profissão.

No entanto, é do conhecimento geral, a enorme carência de propostas que incluam uma verdadeira cultura e prática de investigação nos seus currículos.

Existem vários exemplos disponíveis que ilustram a nossa preocupação neste domínio, sintetizada na posição de GILLILAND-SWETLAND, quando refere a importância de ensinar competências a nível técnico e a nível da investigação, como um desafio perpétuo, ao nível da importância de uma educação bilingue. [25]

O que está em jogo, é a necessidade de compreender as abordagens de cada perspectiva, promovendo a sua união, ou seja, a investigação arquivística aplicada, considerando o enquadramento profissional e técnico e a investigação teórica.

Nos dias de hoje, torna-se imprescindível, que os candidatos a arquivistas tenham competências ao nível da construção de projectos de investigação, conhecimentos do método ou métodos para desenvolver o projecto, compreensão da teoria base ou epistemologia de que deriva o método e preparação para determinar e implementar a forma mais apropriada para analisar os dados recolhidos.

Um dos exemplos de formação referenciais é o da *Archives School of Marburg*, onde se construiu o conceito de formação considerada numa tripla abordagem: como qualificação profissional, encarando-a como formação pré-ocupacional, como formação contínua e como investigação em arquivística.

A formação da escola de Marburgo pretende atingir a qualificação para a profissão, a qualificação para a função, a discussão de princípios fundamentais e de conceitos profissionais e, relevantemente, desenvolve e promove projectos de investigação e colóquios, nos quais se podem formular questões fundamentais. [26]

Uma das questões fundamentais é a procura da combinação inteligente da teoria e da prática, sem prioridade de uma sobre a outra, como forma de lidar com os problemas.

A experiência do *Master of Archival Studies* da *School of Library, Archival and Information Studies* da *University of British Columbia* (UBC) é igualmente relevante, como se depreende da explicação de EASTWOOD [27], que afirma que, se pretende desenvolver e solidificar a ciência arquivística, enquanto «...corpo do conhecimento, sobre a natureza e características dos arquivos e do trabalho arquivístico, organizado sistematicamente em teoria, metodologia e prática». [28]

Na UBC considera-se que o estudo crítico e cuidado da investigação é um elemento integral e vital de todo o ensino e aprendizagem, na medida em que o gosto e hábito pela investigação necessitam de muito tempo e experiência, para desenvolverem-se programas para o *Master of Archival Science*, visando tornar a investigação como componente regular do estudo, redobrar a atenção na formação sobre metodologia da investigação, incentivar a continuidade na prática da investigação, criar condições para criação e desenvolvimento de programas de doutoramento - por exemplo inter-universidades [29] - e trabalhar para criar uma comunidade de investigadores, mutuamente suportados neste campo de actuação.

Das experiências que ressaltamos, damos especial ênfase à da Universidade de Nova Iorque, para a qual uma das experiências mais importantes, que se pode transmitir aos alunos, é o processo de estruturação, execução e suporte de um projecto de investigação.

Nesta universidade, o programa de formação em arquivística contempla o princípio de que os projectos de investigação mais úteis para os estudantes, são aqueles que resultam em contribuições “reais” para um determinado problema ou programa. [30]

Estamos particularmente entusiasmados com os resultados que vierem a ser produzidos pela *Licenciatura em Ciência da Informação*, da responsabilidade da Faculdade de Letras e da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto – bem como com os programas de mestrado e de doutoramento que lhe serão subjacentes -, que se iniciou no ano lectivo de 2001-2002, pelos resultados decorrentes do seu plano curricular, moldado por um novo paradigma post-custodial no ensino da Ciência da Informação e, *a fortiori* da arquivística, que, pertencendo a um «*núcleo duro*» dessa ciência, deverá abrir-se à interdisciplinaridade com as Ciências Sociais em geral e com outras áreas do saber em particular. [31]

De uma forma epistemologicamente mais modesta, avançamos para a necessidade de incluir a investigação, no quadro dos esquemas de programação arquivística.

A proposta baseia-se no modelo de THIJSSSEN, MAES e VERNOOIJ [32], adoptado pela Universidade de Amsterdão e apresentado por MAES [33], que se denomina genericamente por *Learning by sharing*.

Este modelo, propõe uma dinâmica mútua de partilha de conhecimento e experiência, entre os estudantes, os investigadores, os profissionais e os formadores,

conforme se infere da análise da fig. 1, devidamente adaptada do trabalho de MAES [34].

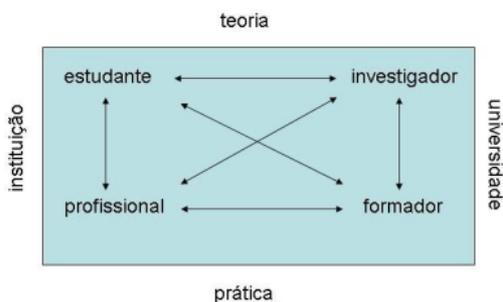


Fig. 1 – Aprender partilhando

A enorme deficiência, em termos de práticas e metodologias de investigação, sentida desde há muito, na formação na área de arquivo em Portugal, deverá ser ultrapassada pela envolvimento em projectos de investigação que sejam enquadráveis neste modelo.

De igual forma, as instituições de arquivo, e/ou com interesse no desenvolvimento de estudos nesta área, deverão incluir na sua programação arquivística o contributo para estes projectos de investigação, através da disponibilização da informação que criam e/ou custodiam, bem como deverão participar activamente no seu desenvolvimento, criando nos profissionais o hábito e as necessárias competências para realizar a investigação, também como forma contínua de formação.

O seguimento de um modelo como o *learning by sharing*, permite que, de forma constante, se desenvolvam acções bilaterais entre os desenvolvimentos teóricos e a prática efectiva.

Olhando do ponto de vista do investigador, torna-se claro que o eixo formador/estudante (núcleo estruturante de qualquer progresso educacional) traz mais valias evidentes pela interacção com a prática, ambos observando e formulando hipóteses, bem como testando essas hipóteses e as teorias envolvidas. Pode ser ainda um campo fundamental para trazer mais rigor (associado à investigação) e maior relevância (associada à prática). [35]

A férrea vontade dos arquivistas, em assumirem um papel de investigação, corre normalmente num caminho paralelo ao longo da sua vida profissional. Deste paralelismo resulta em grande parte, uma desestruturação do papel da investigação no contexto do saber e prática arquivísticos.

A recentragem da arquivística num novo paradigma, no seio da Ciência da Informação, bem como a adopção de um modelo de programação arquivística, com base no *learning by sharing*, aponta para uma - mais que necessária - clarificação do papel da investigação na profissão.

No entanto, a arquivística vista pelo paradigma dito "clássico", não afasta a necessidade da definição

urgente, do papel e dos contornos da investigação, no contexto profissional.

É inadiável o confronto entre um novo paradigma emergente e o paradigma clássico da arquivística. Para este confronto, todos devemos partir de mente aberta à realidade que nos rodeia e cientes do papel fundamental da investigação no desenvolvimento do saber e da prática arquivísticos.

Se o contributo académico é imprescindível, a interconexão entre este e o meio profissional, como forma superior de desenvolvimento teórico e metodológico e de suporte essencial à formação, é claramente uma aposta a seguir, nos destinos da arquivística na Sociedade da Informação.

NOTAS

* Agradecemos a leitura atenta e as sugestões enriquecedoras dos colegas Dr^a Maria Margarida Melo de Carvalho e Prof. Doutor Armando Malheiro da Silva.

1. STIELOW, F. J. - Archival theory redux and redeemed: definition and context toward a general theory. AMERICAN ARCHIVIST, 54:1 (1991), p. 15-26.
2. CRUZ MUNDET, José Ramon – Manual de Arquivística. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1996.
3. CASANOVA, E. – *Arquivística*. Siena: Lazzeri, 1928, p.24.
4. LEESCH, W. – Methodik gliederung und bedeutung der Archivwissenschaft. ARCHIVER UND HISTORIKEN. Berlin: Staatliche Archivverwaltung, 1956, p. 13. cit. por TANODI, A. – El concepto de Archivologia. Santa Fé: Universidade Nacional del Litoral, 1960, p. 10-11.
5. SCHELLENBERG, T. R. – Archivos Modernos. Principios e Técnicas. La Habana: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1958, p. 42.
6. LODOLINI, E. – Archivistica: principi e problemi. 8^a ed. Milano: Angeli, 1998. p. 158.
7. HEREDIA, A. – Archivistica General. Teoria y Práctica. Sevilla: Diputación Provincial, 1987, p. 11.
8. Note-se que, a este propósito, não somos isentos desta prática, se bem que não excluindo a reflexão contínua e informada sobre o assunto.
9. TANODI, A. – *op. cit.* p. 10 – 11.
10. BAHMER, R. – Archives. ENCYCLOPEDIA OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE. 1 (1968).

11. GRAHAM, Nicholas M. – The form and function of archival theory. *The Katherine Sharp Review*. ISSN 1083-5261. [Em linha]. 4 (1997). [Consult. 18 Dez. 2003]. URL: <http://edfu.lis.uiuc.edu/review/wintwr1997/graham.pdf>.
12. Cf. a obra e CAPPON, nomeadamente no seu artigo: «What, then, is there to theorize about» de 1982, como resposta a um artigo de BURKE, em que defende que não se pode colocar em causa, com o desenvolvimento de muitas teorias, as funções primárias do arquivista.
13. ROBERTS, John. – Archival theory: much ado about shelving. *THE AMERICAN ARCHIVIST*, 1982. e IDEM – Archival theory: myth or banality?. *THE AMERICAN ARCHIVIST*, 1990.
14. BURKE, Frank – The future course of practical theory in the United States. [New York], 1981.
15. BURKE, Frank – *op. cit.*, *Idem*, p. 40.
16. Esse esforço é patente na actividade do Conselho Internacional de Arquivos, bem como na atitude de grande parte das instituições coordenadoras das políticas arquivistas nacionais, pelo menos em termos europeus.
17. GRAHAM, Nicholas M. – *op. cit.*
18. KOLSRUD, Ole – The evolution of basic appraisal principles. Some comparative observations. *THE AMERICAN ARCHIVIST*. 55:1 (1992), p. 26-37.
19. KUHN, Thomas – The structure of scientific revolutions. Chicago, 1962. cit. por KETELAAR, Eric – Archivistics research saving the profession. *WORK MEETING FOR GRADUATE ARCHIVAL EDUCATORS*. Pittsburgh, 1999.
20. KETELAAR, Eric – *op. cit.*
21. COOK, Terry – What is Past is Prologue: a history of archival ideas since 1898, and the future paradigm shift. *ARCHIVARIA*. 43 (1997).
22. SILVA, Armando Malheiro, RIBEIRO, Fernanda, RAMOS, Júlio, REAL, Manuel Luís – Arquivística. Teoria e prática de uma ciência da informação. Porto: Afrontamento, 1999. p. 203 – 237
23. KETELAAR, Eric – *op. cit.*
24. BELKIN, N. J. – Information concepts for information science. *JOURNAL OF DOCUMENTATION*. 34:1 (1978)
25. GILLILAND-SWETLAND, Anne J. – Archival research: a new issue for graduate education. *WORK MEETING FOR GRADUATE ARCHIVAL EDUCATORS*. Pittsburgh, 1999.
26. MENNE-HARITZ, Angelika – Professional qualification and archival research. [Em linha] [Consult. Ago. 2003] URL: <http://staff-www.uni-marburg.de/~mennchar/training/sld001.htm>
27. EASTWOOD, Terry – Archival research: the UBC Experience. *WORK MEETING FOR GRADUATE ARCHIVAL EDUCATORS*. Pittsburgh, 1999 [Em linha] [Consult. Mar. 2004] URL: <http://www2.sis.pitt.edu/~gaeconf/teastwood.html>
28. DURANTI, Luciana – Archival Science. *ENCYCLOPEDIA OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE*. 59: supp. 22 A.V.
29. A este propósito refira-se a intervenção do Prof. Doutor Alexandre Quintanilha, director do Instituto de Biologia Molecular e Celular, por altura da moderação do tema: «Saúde, ambiente, qualidade de vida» no âmbito do encontro PORTO CIDADE REGIÃO, no dia 12 de Fevereiro de 2004 na Faculdade de Engenharia do Porto, onde defende entre outras medidas estruturantes, a potenciação da mobilidade e multidisciplinaridade, aplicadas a alunos e docentes, que permitiria, através de um sistema de créditos, que um aluno pudesse escolher as cadeiras que melhor se adaptassem ao seu plano de formação, bem como aos docentes, que poderiam por exemplo, no caso de docentes de ciências, darem cursos a alunos de letras. Este sistema permitiria: «destruir o isolamento dos estudantes e das faculdades» e promover uma maior mobilidade nas áreas do conhecimento. É certamente um sistema que revolucionaria o ensino das ciências da informação.
30. WOSH, Peter J. – Responses to questions concerning research. *WORK MEETING FOR GRADUATE ARCHIVAL EDUCATORS*. Pittsburgh, 1999. [Em linha]. New York University. [Consult. Ago. 2004]. URL: <http://www2.sis.pitt.edu/~gaeconf/wosh.html>
31. SILVA, Armando Malheiro, RIBEIRO, Fernanda – Das «ciências» documentais à ciência da informação. Ensaio epistemológico para um novo modelo curricular. Porto: Afrontamento, 2002. Note-se que, em acordo com as palavras do Prof. Doutor José Marques, que prefacia, este trabalho vem na sequência de um trabalho de investigação e docência dos autores, *que têm contribuído para a crescente renovação científica e técnica desta área do saber*. Muita da resistência ao desenvolvimento de um diálogo entre a abordagem clássica da arquivística – dominante no nosso país – e a proposta destes autores, também abordada neste trabalho, advém de duas premissas fundamentais: uma reside na falta de preparação em termos de investigação, que está na base da formação em Ciências Documentais, outra na primazia que se coloca à falta de recursos humanos e materiais, normalmente colocados à disposição das instituições da área. Neste último ponto, temos que considerar inaceitável, que tal seja óbice à mudança e/ou

evolução do conhecimento e da prática arquivística. Quanto à primeira premissa, deve-se obviar à rápida alteração dos currículos existentes, na maioria dos cursos de formação superior e caminhar rapidamente para a criação de um sistema de certificação profissional.

32. THIJSSSEN, J. P., MAES, R., VERNOOIJ, A. T. J. – Learning by sharing: A model for life-long learning. EDUCATIONAL INNOVATION IN ECONOMICS AND BUSINESS VI. Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers, 2002.
33. MAES, Rick – On the alliance of executive education and research in information management at the University of Amsterdam. INTERNATIONAL JOURNAL OF INFORMATION MANAGEMENT. 23 (2003), P. 249 – 257.
34. MAES, Rick – *op. cit.*, p. 251
35. MAES, Rick – *Ibidem*.